

INFORMATIVO

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL
RUA Capitão Chaves , 60
26.000 - Nova Iguaçu, RJ.
Tel.(021)767-0472

Ano 1 Nº 6
Fevereiro/1978.

CENTRO DIOCESANO DE
PASTORAL
NOVA IGUAÇU
BIBLIOTECA
Reg. No.

**TRABALHO
E JUSTIÇA
PARA
TODOS.**



CAMPANHA DA FRATERNIDADE 1978 CNBB

- * A luta da oposição sindical Pág. 4
- * Justiça, o que é justiça? Pág. 6
- * Nascimento da classe operária Pág. 8

EDITORIAL

TRABALHO E JUSTIÇA PARA TODOS

CENTRO DIOCESANO DE
PASTORAL
NOVA IGUAÇU
BIBLIOTECA
Peg. No

Dia 8 de fevereiro, quarta-feira de cinzas, teremos o lançamento da Campanha da Fraternidade, em nível nacional. Em Nova Iguaçu, será, no domingo, dia 12.

A Campanha da Fraternidade é uma iniciativa da Conferência dos Bispos. Tem 15 anos de existência, começando, cada ano, no primeiro dia da quaresma e terminando no domingo da Ressurreição. É uma campanha de evangelização em torno de um tema de interesse geral. Ano passado, o tema foi a família, resumido no tema "Comece em sua casa". Este ano é a fraternidade no mundo do trabalho, tendo como lema "TRABALHO E JUSTIÇA PARA TODOS".

No Brasil inteiro, em comunidade e grupos de base, associações religiosas, aulas de catecismo, reuniões diversas de leigos ou clero, seremos convidados a pensar no "Trabalho e Justiça para todos".

O tempo escolhido é a quaresma porque é o tempo de reflexão e conversão. Primeiro, conversão de dentro ou, como se diz, do coração, porque "é do coração que nascem os homicídios, as prostituições, os falsos testemunhos", toda sorte de injustiça e de egoísmo. (Mt.15,19).

De nada porém adiantaria dizer que se está mudado no coração, se não há mudança nas atitudes, no comportamento, nas relações com os outros.

Converter-se é passar do individualismo à comunhão, à fraternidade, à partilha. É passar da aceitação de condições injustas, opressoras, à luta pela criação de condições mais justas para todo o povo. Passar de uma relação de explorador a uma relação de solidariedade, de uma atitude de domínio a uma atitude de igualdade, de um comportamento de estranho a um comportamento de irmão. É o que se propôs Jesus: "Vim para anunciar aos cativos a liberdade e tornar livres os oprimidos" (Lc.4,18).

A sociedade brasileira, em relação à justiça e ao trabalho para todos, tem ainda um longo e penoso caminho de conversão a percorrer. Não sobressai, entre as outras sociedades, neste ponto. Ao contrário, com facilidade podem apontar nossas desigual-

dades sociais, entre o mundo rural e o urbano, entre o Nordeste e Norte e o Sul, entre a favela e os bairros burgueses. A igualdade, a dignidade, a participação, a solidariedade, a paz que se manifestam na distribuição da justiça e nos salários justos, e que são o bem de um povo, são objetivos que permanecem, em grande parte, letra morta.

A fé leva a sério o trabalho, por isso nos deu o preceito "de dominar a terra com tudo o que ela tem, e governar o mundo na justiça e santidade" (Gen.1,26-27).

Houve tempo em que o trabalho foi mal visto pelo crente, que se como um castigo. Hoje, tomamos consciência de que é pelo trabalho que o homem humaniza a natureza e se liberta das necessidades e forças que o mantêm cativo. Sem trabalho, a natureza fica selvagem e hostil, e o próprio homem não manifesta sua grandeza e dignidade.

Falamos dos deveres e direitos do homem. O homem tem muitos deveres e direitos. Direito ao trabalho, ao salário justo, à casa própria, à assistência, à saúde, a um digno padrão de vida, etc. O povo sabe ou, cada dia, sabe mais que estas coisas não podem ser privilégios de alguns poucos, pela sorte de um nascimento, por um prêmio na Loteria ou por uma conquista individual, egoista ou não. São condições de bem-estar ou direitos de todos. Antes o povo tinha só obrigações. Era intimado a não reclamar. Para que uns poucos pudessem beneficiar-se tranquilamente da boa alimentação, da escola para os filhos, de uma casa confortável, da necessária assistência médica, de prestígio social, de alto padrão de vida, e para que o povo se conformasse com a ignorância, o atraso, a exploração, criava-se um clima de medo, desconfiança, silêncio. Servia-se até do Evangelho, como de uma mensagem de acomodação e de resignação.

Reconhecer a dignidade do trabalho e a justiça para todos / já é uma grande conquista, mas não podemos nos contentar com palavras bonitas.

Se alguns ganham tanto que podem possuir uma bela moradia, o carro do ano, o melhor colégio e universidade para os filhos, e outros ganham tão pouco que mal dá para comprar um filtro e cavar uma fossa no fundo do barraco, o que teremos feito da união que Cristo anunciou: "que todos sejam um como tu, ó Pai, o que és em mim, e eu em ti" (Jo.17,21). Se tirarmos o homem da miséria do ser tão para transformá-lo num escravo na cidade, onde estará "a justiça e o trabalho para todos"?

A LUTA DA OPOSIÇÃO SINDICAL

mal adaptadas ao meio urbano e à produção industrial. Foi a partir de 1930 que começou, no sério, nossa industrialização, quando a Europa tinha já quase 100 anos de vantagens sobre nós.

Sem dúvida, encontramos sempre sinais de luta por seus direitos, entre os operários brasileiros, em qualquer época de sua história, mas, por sua origem e pouca idade, carecem de mais experiência.

Sua principal organização, o sindicato, foi sempre controlada pela política populista, que durou de 1930 a 1964.

Política populista, dizem também populismo, é a política de barganha entre certos líderes operários, apelidados "pelegos", e os dirigentes de um partido, aliado aos empresários, para garantir-lhes a vitória sobre seus rivais. Em troca, o partido prometia tudo, antes mesmo de os operários sentirem necessidade de reivindicar e de se organizar.

O pelego é a pele de carneiro que serve de forro ao assento no lombilho para se cavalgar. No populismo, pelego é o operário que ajuda a burguesia a cavalgar a classe operária.

Os operários sofreram muito com a política populista, praticada pelos partidos e seus pelegos. Se as promessas vinham dos partidos, eram eles que se reservavam o direito de manobrar a classe operária e seus sindicatos.

Após 1964, a luta política e também a burguesia peleguista acabaram, os autênticos líderes operários, enfrentam novas dificuldades para tornar a classe capaz de organizar-se na defesa de seus direitos. A dificuldade anterior era a política populista; a atual é a submissão aos interesses oficiais, o caráter burocrático e assistencialista dos seus sindicatos.

A relação de forças é muito desfavorável aos operários. A defesa de seus interesses está limitada pelos critérios da segurança nacional e pelas exigências do chamado modelo brasileiro de desenvolvimento econômico.

A margem de mobilização, deixada à classe operária, é limi-

tada. É preciso, no entanto, ocupar todo o pequeno espaço disponível, a fim de estar em condições de aproveitar a evolução que vai ocorrendo nas relações de forças.

Não sendo permitida a greve, os operários costumam manifestar seu descontentamento realizando paradas no trabalho, recusando horas extras e diminuindo a cadênciā na produção.

Os líderes aproveitam a ocasião de eleições sindicais e de reivindicações salariais para dar um conteúdo real à luta operária. O principal tema tem sido a coreeção das sucessivas perdas salariais, que se vêm acumulando desde 1958. Os operários são, então, informados sobre esta perda, sobre suas causas e consequências.

Sair vitorioso nas eleições sindicais é secundário, porque pouco se poderá fazer num sindicato sob controle governamental. O mais importante é que as eleições sindicais e campanhas salariais permitam mobilizar os operários em torno de programas que exprimem seus interesses e criar, dentro das empresas, grupos com uma linha de pensamento libertador que desembocará, um dia, em / sindicatos realmente autônomos.

Três conteúdos principais resumem os atuais programas das oposições sindicais:

- 1- reivindicam reajuste salarial ou a recuperação do poder aquisitivo perdido, ano após ano, desde 1958, e novos critérios para o salário mínimo.
- 2- reivindicam melhores condições de trabalho para a mulher e o menor, revisão de lei de garantia de emprego, diminuição da insalubridade, melhoria de atendimento pelo INPS.
- 3- reivindicam, enfim, liberdade sindical, direito de greve, proteção para os delegados sindicais e para a atividade sindical.

Este programa é a melhor contestação das oposições sindicais aos líderes operários identificados com a política do governo oficial e, portanto, a defesa dos interesses dos empresários.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

XXXXXXOOXXXX

X

JUSTIÇA, O QUE É JUSTIÇA?

A Campanha da Fraternidade promovida anualmente pela CNBB , tem este ano como tema "JUSTIÇA E TRABALHO PARA TODOS". Cabe a todos nós refletir e pensar bastante sobre este tema. Como sugestão vamos primeiro pensar no que é justiça.

Quando um pai de família chega em casa com balas para seus filhos, ele se preocupa em dar à todos. Se não houver possibilidade de dar à todos, ele prefere não comprar para ninguém, para não ter que fazer injustiça.

Quando ele vai ao mercado comprar comida, ele está pensando na sua família. Seu pensamento é dar de comer a todos. Não existe pai de família que resolve alimentar a um muito bem e deixar os outros com fome. Assim, nós fazemos nossa justiça no dia-a-dia da vida, e nos baseamos naturalmente na igualdade. Mesmo quando se tem pouco, este pouco é dividido entre todos da família.

Quando saímos de casa, que é onde podemos fazer nossa justiça, e vamos ver nosso país, nós vemos que ao lado de muita riqueza e boa vida, há muita miséria e vida dura. Ao lado de salários que chegam às raízes do absurdo, nós encontramos o salário mínimo oficial que é estipulado por decreto-lei.

Podemos observar que quanto mais se trabalha menos recebemos. O valor do salário cai com o tempo como podemos ver na tabela abaixo:

ANOS	SALÁRIO NOMINAL	PODER DE COMPRA DO SALÁRIO	QUANTO DEVE SER O SALÁRIO PARA TER O PODER DA COMPRA DE 1958.
57/58	5,90	100	5,90
60	5,90	57	10,32
63	21,00	54	39,11
67	105,00	43	243,90
70	187,20	42	444,68
73	312,00	36	865,71
76	768,00	26	1.669,00

Com essa tabela nós podemos perguntar: Que justiça é essa que torna o poder de compra do salário cada dia mais baixo?



Então quando olhamos o Brasil, sentimos que a justiça que orienta o país é diferente da justiça que orienta nossas atitudes com nossa família.

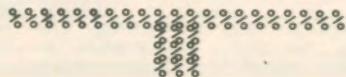
Por que será que existe esta diferença?

Na nossa casa, não há interesses a preservar. O interesse/único do pai de família é, dentro das suas possibilidades, dar condições de vida à sua família.

Na justiça do país há interesses. Há, por um lado, os interesses dos donos de indústrias, dos fazendeiros, dos empresários/que estão interessados nos lucros dos seus negócios. De outro lado há os interesses dos trabalhadores do campo e da cidade em ter uma vida menos sacrificada.

Aí cabe a reflexão: A que interesses a justiça do país está ligada?

Será que essas leis fazem justiça para todos?

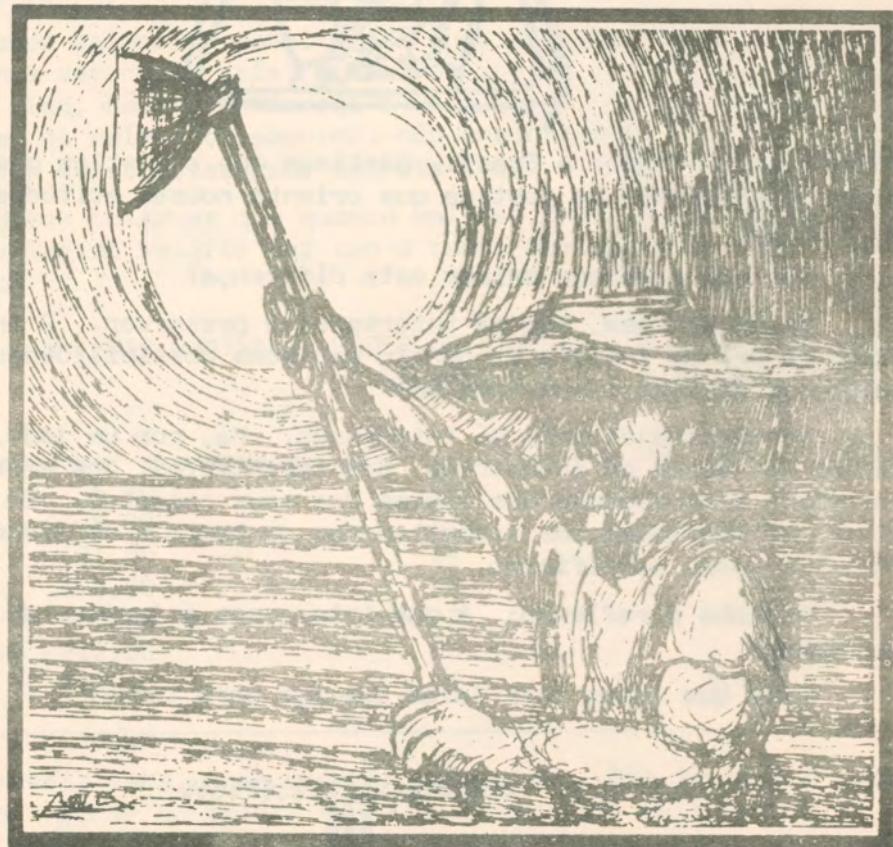


NASCIMENTO DA CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL

Este artigo é um subsídio para a Campanha da Fraternidade, resumo da 1^a parte do estudo "A História da Classe Operária no Brasil" , publicado sob a responsabilidade da Ação Católica Operária.

- No começo, a escravidão

De 1500, data do descobrimento, até 1850, durante, portanto , 350 anos, não encontramos, em nosso país, uma classe operária. Encontramos trabalhadores, mas não formavam uma classe.



Durante os 150 primeiros anos, os trabalhadores foram os índios que os portugueses tentaram reduzir à escravidão, mas sem resultados positivos. Resistiam à escravidão com a guerra e morriam em massa com as doenças dos brancos contra as quais não tinham defesa: desenteria, sarampo, varíola, tuberculose, gripe, etc.

A solução foi o tráfico de escravos africanos que melhor se adaptaram ao cultivo da cana de açúcar, e, mais tarde, à extração de ouro e pedras preciosas, e ao trabalho nas fazendas / de café. Sendo propriedades do patrão, podiam ser alugados, vendidos e comprados como coisas. Seus filhos eram "crias", como os filhotes dos animais. Apesar de encontrarem maiores dificuldades que os índios para conseguirem a liberdade, muitos deles fugiam, e se organizaram em sociedades chamadas quilombos. O mais célebre quilombo chamou-se República dos Palmares. Durou quase 100 anos, de 1600 a 1695. Chegou a contar com 20.000 habitantes, espalhados em pequenas vilas, sob o governo dos reis Ganza Zumba e Zumbi.

- Havia também, trabalhadores livres

Até 1850, os trabalhadores livres foram pouco numerosos. Eram brancos pobres que vieram para colonizar a terra, mestiços e índios que viviam nas cidades. Os trabalhadores livres eram biscateiros, pequenos funcionários públicos, empregados no comércio. Os mais importantes eram os "oficiais mecânicos", isto é, todos aqueles que exerciam um ofício necessário ao trabalho / e à vida na colônia: sapateiro, tecelões, alfaiates, ferreiros, carpinteiros, marceneiros, pedreiros, ourives, etc. Participavam no governo da cidade e estavam organizados, por ofícios, em associações chamadas "cooperações". Alguns ganhavam o suficiente para equipar boas oficinas, ter escravos e, como empregados, artesãos pobres que não conseguiam estabelecer-se por conta própria.

- As indústrias eram proibidas

Acostumamos a ver operários, onde há empresas e fábricas, e, na colônia, a produção, quase exclusiva, era a agrícola ou a extração do ouro. Um decreto de Dona Maria Primeira, rainha de Portugal, editado em 1785, proibiu a instalação de indústrias / no Brasil.

Para dificultar qualquer tentativa, as leis não permitiam a acumulação de capital. Toda a riqueza produzida ia para Lisboa, através de impostos altos, do comércio obrigatório exclusivamente com a metrópole, e até uma lei obrigava regressar a Portugal a todo cidadão que se enriquecesse, levando consigo toda a sua fortuna.

O pequeno mercado interno devia ser atendido pelas casas de comércio portuguesas, com suas sedes em Lisboa, e não com produtos fabricados aqui. O país contava com apenas 3.000.000 de habitantes, afora os índios. Destes, mais da metade eram escravos negros que nada podiam comprar. Esta população, espalhada pela costa marítima, estava proibida de comerciar-se entre si.

Toda comunicação se fazia, individual e diretamente com Lisboa.

- Aconteceu uma grande mudança

Em 1808, fugindo ao exército francês, o rei Dom João VI estabeleceu sua corte no Rio, que se tornou o centro do governo português.

Para satisfazer à Inglaterra, que o havia protegido, abriu os portos do Brasil aos comerciantes ingleses, supriu as leis que proibiam a instalação de indústrias. Começam então a surgir pequenos e insignificantes grupos operários. O crescimento da produção do café que alcançava bons preços permitiu um enriquecimento rápido que, em grande parte, foi aplicado em novas compras de escravos. Entre 1816 e 1850, mais de um milhão de novos escravos.

- O fermento das idéias novas

A abertura dos portos, foi o início de uma crise que terá grandes repercussões. A Inglaterra era um grande país industrial e mercantil.

Invadiu os portos do Brasil com produtos melhores e mais baratos que os rústicos e grosseiros produtos dos artesãos.

Obrigados a fechar suas oficinas e a dispensar seus empregados, quando os tinham, cresceu muito o número dos desocupados e descontentes. Não faltaram padres, jornalistas, intelectuais para interpretar a crise, levando em conta o exemplo dos Estados Unidos então independente, e da revolução francesa que le-

vou a toda a Europa os ideais de Libertaçāo, Igualdade, Fraternidade. Pediam o fim da colonizaçāo e o estabelecimento de um regime democrático. Três revoltas populares, sem maiores consequências marcaram este período: a Cabanada, em Belém, no ano de 1835, sob a chefia de Joaquim Antônio; a Balaiada, em 1838, sob o comando de Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, fazedor de cestos e balaios. Finalmente, a revoluçāo Praieira. As duas primeiras foram chefiadas por homens pobres e do povo, a última por dois intelectuais burgueses de Recife, em 1848, Borges da Fonseca e Nunes Machado.

- Começo da Classe Operária

A produção do açúcar com o braço escravo prejudicava os interesses dos comerciantes ingleses, que pagavam trabalhadores livres em seus canaviais das Antilhas. O recurso foi proibir o tráfico de escravos para o Brasil, atacando os navios negreiros. A briga durou de 1845 a 1850, quando D. Pedro II assinou um decreto acabando com o comércio de escravos.

Os preços do café geraram novas e rápidas riquezas, agora aumentadas com o dinheiro que sobrava com o término da compra / de novos negros vindos da África. Foi então, possível adquirir máquinas e estabelecer algumas indústrias, nas quais trabalhavam homens livres.

Começa, assim, a nascer e a crescer uma classe operária, ou de homens que podiam vender, livremente, sua força de trabalho/ aos donos das fábricas.

Esta nova classe era formada, em geral, de brancos pobres, que não conseguiam manter mais suas oficinas, de mestiços e negros alforriados.

Os donos de fazendas de café começaram, por sua vez, a preferir operários assalariados, e os iam buscar na Europa. Era melhor pagar um salário mensal ou diário, do que empatar uma grande soma, que representa muitos salários adiantados.

- Primeiras organizações operárias

Os operários viviam em grande desamparo, sem garantia por acidente, por doença, velhice e invalidez. Por este motivo, começaram eles mesmos a criar as primeiras organizações operárias. Eram associações de ajuda mútua. Não podiam ir além, porque vi

gorava uma lei de 1834, que proibia qualquer associação de trabalhadores. Em 1836, dez carpinteiros de Recife formaram a Imperial Sociedade dos Artistas Mecânicos, mas só conseguiram aprovação de seus estatutos 46 anos depois ou em 1882. Tinham por objetivo a ajuda mútua, a formação profissional.

As conquistas dos operários nunca foram fáceis. Em 1853 surgiu a Imperial Associação Tipográfica Fluminense, de ajuda mútua e de reivindicação. Em 1858 ela comandou uma primeira greve. Em 1853, fundou-se a Sociedade Beneficente dos Caixeiros, em 1870, a Liga Operária; em 1899, a Sociedade União Operária dos trabalhadores do porto de Santos; em 1880 instituiu-se o Corpo Coletivo da União Operária.

Da ajuda mútua estas organizações foram, pouco a pouco, passando às exigências sociais e trabalhistas, com greves, lutas e reivindicações. A primeira greve de que se tem notícia no Brasil aconteceu no ano de 1771, promovida pelos trabalhadores das oficinas da Casa de Armas do Rio de Janeiro.

A primeira greve contra o sistema industrial capitalista foi de 1858, no Rio de Janeiro, feita pelos Gráficos para conseguir aumento salarial, e conseguiram 10 tostões de aumento.

== ==
=====
=====

SUBSÍDIOS PARA A CAMPANHA DA FRATERNIDADE

Dois serviços diocesanos elaboraram subsídios adaptados à realidade da Baixada Fluminense.

-" ENCONTROS COM CRIANÇAS" - 4 encontros elaborados pela equipe do Cepac.

-" CÍRCULOS BÍBLICOS" - 5 círculos elaborados pela equipe da Cáritas.

PISTAS PASTORAIS

O INFORMATIVO transcreve aqui, a última parte de um documento realizado pela JOC, sobre a situação da Juventude trabalhadora brasileira. O documento faz uma análise ressaltando a importância da juventude; as condições/ de trabalho e vida, a situação em que se encontram; as aspirações e valores da juventude trabalhadora e as exigências frente a esta realidade. As constatações partiram de depoimentos dos próprios jovens que sofrem na carne esta situação.

Estas são algumas pistas que podem ajudar no nosso trabalho:

1. Dar prioridade à Pastoral Operária
2. Acreditar na capacidade dos operários e na sua maneira de evangelizar e viver a Igreja no seu próprio meio.
3. Fidelidade à vida e à realidade da Classe Operária como forma concreta de fidelidade ao Evangelho e à missão que Cristo deixou à Igreja. Para isto é necessário entrar em contato direto com as famílias operárias. Ouvir os trabalhadores...
4. Denunciar publicamente as injustiças.
5. Procurar analisar cientificamente esta realidade, iluminando-a com a Palavra de Deus.
6. Na ação pastoral, com os trabalhadores, partir sempre da vida e das experiências dos próprios trabalhadores para afi desembriar e revelar, em todoas as dimensões, a mensagem do Cristo/Libertador.
7. Criar, apoiar os instrumentos e subsídios de educação, evangelização e celebrações que respondam às exigências da vida e da realidade operária.
8. Apoiar os movimentos e experiências que estão desenvolvendo / um trabalho de educação e evangelização no meio operário colo cando à sua disposição pessoas capacitadas e recursos necessários para firmar e ampliar este trabalho.
9. Possibilitar reuniões, encontros, intercâmbios, troca de experiências, seminários de estudos, tanto entre operários como com agentes pastorais engajados neste meio.

() () () () () () () () ()

A BÍBLIA E O TRABALHO

Na Bíblia não existe um livro nem um capítulo que fale direta e unicamente sobre o trabalho, seu valor e seu significado. No entanto, em toda parte na Bíblia, Deus e os homens aparecem trabalhando. Se não responde a todas as nossas perguntas, a Bíblia, tomada em sua totalidade, nos introduz na realidade do trabalho, de seu valor, de seu aspecto penoso e de sua redenção.

Queremos abordar neste número do INFORMATIVO o "Antigo Testamento e o Trabalho", para no próximo número tratar do "Novo Testamento e o Trabalho".

O Antigo Testamento nos ensina que somos frutos / da Terra e que devemos nos relacionar com a Terra, com as coisas da terra, para viver e crescer. As primeiras páginas da Bíblia colocam-nos logo perante o trabalho Divino. A narração da criação sublinha em seis quadros (6 dias) a atividade incansável de Deus. Deus é o princípio de toda a atividade, de todo o movimento do trabalho. Deus nos dá também como primeiro mandamento a colaboração com seu trabalho: "Javé Deus tomou o homem e o colocou no jardim de Éden para que o cultivesse e guardasse" (Gênesis 2,15).

O trabalho é, de fato, obrigação humana desde o próprio alvorecer da existência. Não representa uma consequência do pecado original, nem um castigo da desobediência, como alguns cristãos interpretaram. Pelo contrário, o trabalho está intimamente unido à natureza consciente do homem. Trabalhar no sentido Bíblico, é a nobre vocação de colaborar no cumprimento do plano Divino; não um castigo, mas sim, uma prova de confiança em Deus e na capacidade humana.

O trabalho faz parte da natureza do homem. Só que desde o pecado, a Natureza tem duas faces para o homem: uma face linda, harmônica, gostosa de ser contemplada; uma outra, ingrata, hostil, dolorosa, a ser transformada, para satisfazer às necessidades humanas, a ser cultivada, a ser dominada, a ser domada.

Essa transformação da natureza, e ao mesmo tempo a transformação da humanidade, vem a ser o pleno florescimento da criação de Deus, a realização da sua vontade. Essa vontade de Deus era tão clara para o povo de Israel, que nem precisava constar nos dez mandamentos. O dever de trabalhar foi entendido como uma lei da condição humana. Daí vem que muitas das reações do Antigo Testamento diante do trabalho traduzem simplesmente o juízo de uma consciência sadia e reta.

p.ex. - "o preguiçoso nada tem para comer"
(Pv.13,4) e "se arrisca a morrer de fome"
(Pv.21,25).

- "nada como a fome para incentivar ao trabalho" (Pv.16,26).
- admira-se a mulher que "não come o pão da ociosidade" (Pv.31,27)
- "A porta gira em suas dobradiças, o preguiçoso em seu leito" (Pv.26,14)

As leis a respeito de trabalho, são unicamente para defender o operário do pecado que penetrou também no mundo do trabalho:

- "o escravo ou o assalariado deve ser pago no mesmo dia" (Lv.19,13)
- "o operário não deve ser explorado"
(Dt.24,14s)
- o sábado (nossa domingo) é feito para introduzir uma trégua na estafante sucessão dos trabalhos (Ex.20,9ss), para garantir ao homem e a tudo que trabalha na terra / um tempo de repouso (Ex.23,12; Dt.5,14)

O Antigo Testamento não deixa de criticar os abusos existentes no mundo do trabalho:

operários privados de seu salário (Jr.22,13), lavradores esbulhados pelo imposto (Am.5,11), populações submetidas à trabalhos forçados por um governo inimigo... (2S.12,31) mas também por seu próprio soberano (1S.8,10-18).

Não só criticando, o Antigo Testamento também projeta normas para a justiça no mundo do trabalho: "quem planta uma vinha saboreará seu fruto, quem constrói uma casa nela habitará" (Am.9,14). /Segue no mes que vem/

A HISTÓRIA DE ZÉ MARMITA

Zé Marmita é um trabalhador, pai de família, morador de um dos bairros da Baixada Fluminense. Acorda sempre muito cedo e chega tarde. Pela manhã, Zé Marmita toma seu café (quando tem) e corre à estação para apanhar o trem. Zé Marmita leva sua sacola com a roupa de trabalho, sua marmita, feita com carinho pela patrôa, uns trocados pra passagem e com esforço leva seu corpo / até o trabalho. Zé Marmita já trabalhou de tudo: servente, auxiliar de carpinteiro, pedreiro, trabalhou em indústria, comércio, metrô, etc. Enfim, Zé Marmita trabalha de tudo.

Ele é um trabalhador interessado e ajuda aos colegas de trabalho sempre que pode. Zé Marmita tem observado que quanto / mais trabalha, mais tem que trabalhar porque o salário não dá.

Ha algum tempo atras, Zé Marmita indo para o trabalho sentado no banco de um ônibus que o levava da Central à zona sul do Rio, onde trabalhava na construção civil, Zé Marmita observou um estudante que estava lendo um livro. Para se distrair, espichou o olho para ler também. Tava difícil, o ônibus balançava muito e o jovem lia muito depressa. Mas ele conseguiu ler um trecho que dizia: "O trabalho é fonte de toda riqueza e cultura". Tentou continuar a ler mas não deu. O rapaz já tinha virado a página. Mas essa frase foi como um raio na cabeça de Zé Marmita. Ele pensava: "será que é mesmo verdade que o trabalho é fonte de riqueza e cultura? Eu trabalho 10 a 12 horas por dia e sou pobre e mal consigo ler"!

Sorriu meio de lado e pensou com seus botões: - Isso é coisa dessa juventude, onde já se viu trabalho dar riqueza para alguém?

Mas volta e meia a frase voltava na cabeça. Se dormia, sonhava com ela. Dia e noite, Zé Marmita buscava explicação para ele ser pobre e sem cultura, já que trabalhava tanto.

Via seus colegas na mesma situação que ele e achou que aquela frase não estava certa. Então, ficou pensando: - se não é o trabalho que traz riqueza e cultura, o que é então? Pensou, pensou e não encontrou resposta. Mas deve ter alguma coisa que dá riqueza, porque tem alguns por aí que são muito ricos, pensou ele. Mas trabalho não é, porque quanto mais rico menos se tra-

lha. Teve um dia, quando ainda trabalhava na obra, que ficou a pensar. - Tô com esse tijolo na mão, ponho a massa nele e coloco um sobre o outro e faço uma parede. Daqui a pouco tem um prédio aqui com gente morando. Então, esse prédio é feito de tijolo e massa. Mas alguém fez o tijolo, - pensou ele. - Ele sabia como fazer tijolo, pegava o barro, fazia uma forma e depois botava no forno prá cozinar. Então, do barro o homem faz o tijolo e com o tijolo e a massa a gente faz um prédio.

Zé Marmita tava feliz naquele dia. Tinha descoberto alguma coisa; viu toda a caminhada do barro até o prédio. Ficou emocionado. Pegou o trem, e cansado foi para casa dormir. Dormiu feliz. Sonhou com a descoberta do tijolo, do barro e do prédio, viu que tudo aquilo, quem fazia era o homem. Mas no meio do sonho, veio a tal frase, aquela que diz que o trabalho é a fonte de toda a riqueza e cultura.

Acabou acordando atrasado, sem tempo nem de tomar café, pegou a marmita, botou na sacola e saiu correndo. Tava com medo de chegar atrasado, pois 15 minutos de atraso e perdia o domingo.

Nesse dia o trem ficou meia hora no sinal, não houve jeito. - É, pensou ele, - hoje é daqueles dias que a gente não deve nem sair de casa, dá tudo errado. Ficou naquele sufoco do trem, que nem sardinha em lata. Chegou na Central, já era quase 7 horas, hora que ele tinha que pegar no serviço. Chegou na obra já passava das 7,30hs. Tentou explicar o atraso do trem, e o encarregado só dizia: "Vocês vem sempre com a mesma desculpa. É sempre a mesma história de trem atrasado. Sinto muito, não posso fazer nada, amanhã vê se acorda mais cedo".

Zé Marmita trocou de roupa e foi pro serviço, deu duro mais um dia, pegou ainda mais duas horas extras e começou o caminho de volta. Zé Marmita tava cansado, nem conseguia pensar, tava com raiva contida e nem falava direito com seus colegas. Chegou em casa exausto, comeu alguma coisa e foi se deitar, não tava aguentando ficar de pé.

Por causa do domingo perdido, Zé Marmita nesta semana fez hora extra todos os dias. No final da semana Zé Marmita tava mais morto do que vivo. Amanheceu no dia seguinte, com febre alta e o corpo todo doído, nem foi trabalhar. Aí pensou: "O que é pior, enfrentar o trabalho duro, doente, ou a fila do I.N.P.S. desde a madrugada?" Enfim, suportou a fila, conseguiu a ficha, mas atendimento só no dia seguinte. Voltou para casa com o corpo

todo moído de febre e sem ser atendido. - Ó vida de cachorro que a gente leva, e depois ficam aí escrevendo que o trabalho traz riqueza e cultura. Trabalho traz é miséria, cansaço e doença, é isso que traz, - desabafou ele com a patrôa quando chegou em casa. "Faz um chá aí mulher, que se for esperar INPS eu morro, isso sim". - desabafou....

Obs.: A história de Zé Marmita vai continuar no próximo número. Gostaríamos que os leitores ajudassem a escrever essa história. Mandem experiências que vocês vivem e idéias para o INFORMATIVO. Vamos escrever juntos essa história?

Todo INFORMATIVO agora vem com Zé Marmita, é a novela do INFORMATIVO.

Aguardem para o próximo capítulo, a apresentação da família de Zé Marmita.

SER MARGINALIZADO:

- é receber um salário injusto, que não dá para viver.
 - é não poder frequentar uma escola.
 - é ficar na fila do INPS mendigando atendimento médico e den-tário.
 - é passar fome.
 - é morar em barracos sórdidos, horríveis.
 - é não ter um pedaço de terra pra plantação, porque as leis agrárias injustas fizeram com que poucos fazendeiros ficassem donos de tudo.
 - é ser visto como objeto de favores e de esmolas.
 - é ser levado pela propaganda.
 - é não poder participar das decisões da sociedade, como na escolha dos governantes.
 - é ficar por fora até da dignidade que Deus deu a todos os homens.
 - é não querer se libertar dessas condições ou situações.

ESTATÍSTICAS QUE PODEM SERVIR DE BASE PARA A NOSSA REFLEXÃO

QUANTO GANHAM OS BRASILEIROS? (Jornal do Brasil de 30/04/1976)

SALÁRIO	PESSOAL OCUPADO	%
Até 1/2 salário mínimo	2.482 005	14,7
de 1/2 a 1 salário mínimo	4.845 487	28,7
de 1 a 2 salários mínimos	4.890 251	29,0
de 2 a 3 salários mínimos	1.963 026	11,6
de 3 a 5 salários mínimos	1.380 815	8,2
de 5 a 7 salários mínimos	490 815	2,9
de 7 a 10 salários mínimos	386 582	2,3
de 10 a 15 salários mínimos	228 335	1,3
de 15 a 30 salários mínimos	163 831	1,0
mais de 30 salários mínimos	39 186	0,2
não declarado	19 212	0,1
T O T A L:	16.889 545	100,0

COMO FOI REDISTRIBUIDA A RIQUEZA NACIONAL ?

POPULAÇÃO	EM 1960	EM 1970
0 1% de "RICOS" (700.000 em 60 e 940.000 em 70)	POSSUÍAM 11,5% DA RENDA NACIONAL	PASSARAM PARA 18,2 %
OS 4% DE "MEIO-RICOS" (2.800.000 3.760.000)	POSSUÍAM 15,6% DA RENDA NACIONAL	PASSARAM PARA 19,1 %
OS 15% DE "CLASSE MÉDIA" (10.000.000 14.100.000)	POSSUÍAM 27,1% DA RENDA NACIONAL	PASSARAM PARA 27,5 %
OS 30% DE "MEIO-POBRES" (21.000.000 28.200.000)	POSSUÍAM 27,8% DA RENDA NACIONAL	PASSARAM PARA 20,6 %
OS 50% DE "POBRES" (35.000.000 47.000.000)	POSSUÍAM 17,8% DA RENDA NACIONAL	PASSARAM PARA 14,3 %

Citado no livro do professor Mário Henrique Simonsen-
"Brasil 2002".

- 20 -

- LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LIVROS - LI

Pastoral Operária:

- * Frei Luis M.A. Sartori, ofm, O POVO QUE TRABALHA ENCONTRA O EVANGELHO, SEMANAS SOCIAIS, Ed. Paulinas, 1977, pag. 350.
(Cr\$50,00)

" Semanas Sociais há de ser um dos métodos da preparação não violenta para o trabalho que começa nas comunidades de base, com decisões em grupo, com revisões fraternas, onde o retroceder um passo significa preparar-se para passadas mais largas"
(do advogado Mário Carvalho de Jesus).

O livro relata a experiência no Brasil de "Semanas Sociais", antiga experiência das Igrejas da Alemanha e da França. Embora certas afirmações do autor sejam questionáveis, o livro traz / farto material para debates em grupo sobre o mundo do trabalho.

Pastoral Sacramental:

- * Inês Broshuis, NASCIDOS DA ÁGUA E DO ESPÍRITO, Ed. Paulinas, 1977, pag. 38 - (Cr\$ 15,00).

Preparação ao batismo em 6 encontros bem fundamentados. O livro dá sugestões para pequenas palestras e traz várias perguntas para serem debatidas em grupo.

- * Pe. Canoas / Ir. Liduina, CATEQUESE SOBRE O ESPÍRITO SANTO, Ed. Paulinas, 1977, pag. 72. - (Cr\$ 16,00)

Preparação para a Crisma, elaborada para adolescentes de 14 a 15 anos que de algum modo frequentam uma catequese de perseverança, embora a experiência tenha mostrado que se aplica com excelentes resultados à pessoas mais adultas. É uma preparação próxima ao sacramento da confirmação que só será válida quando existir uma comunidade que a sustenta e dinamiza.

Os livros acima podem ser encontrados no:

**CENTRO DIOCESANO DE
PASTORAL NOVA IGUAÇU**
BIBLIOTECA

Reg. No